

# "Mars", de Fritz Zorn Apelo melancólico de um sujeito cativo do vazio contemporâneo \*

MÔNICA G.T. DO AMARAL \*\*

É uma sorte que ela (sua enfermidade) tenha enfim se manifestado. Quero dizer com isto que, frente ao que herdei de minha família no curso de minha existência (aliás) pouco feliz, a coisa mais inteligente que fiz foi ter contraído câncer... considerando que a alegria não tem sido uma das principais características de minha vida... posso concluir que, desde que adoeci, estou muito melhor do que noutros tempos, antes de cair doente.

Assim inicia Zorn o relato de sua "neurose", uma melancolia profunda à qual sucumbe o autor e que aqui pretendemos analisar conferindo-lhe o estatuto de caso clínico. Trata-se de uma peça literária onde a acuidade e profundidade com que Zorn descreve o processo depressivo no qual mergulha,

bem como a análise crítica que faz do "meio burguês" de Zurich na década de 70, nos dá elementos para uma reflexão psicanalítica sobre os modernos "distúrbios narcísicos" da personalidade. Estes fariam parte, conforme anunciou T.W. Adorno nos anos 50, das tendências narcísicas da subjetividade contemporânea.

## I. O Caso "Mars"

A especificidade da obra literária que pretendemos analisar neste artigo, intitulada *Mars*<sup>1</sup>, consiste em ser apresentada por um narrador/autor que nada mais é do que o próprio sujeito cuja existência infeliz é ali anunciada: Trata-se da história de um

\* Este artigo corresponde, com pequenas alterações, ao trabalho final apresentado junto ao DEA de Psychanalyse, Université Paris VII, em julho de 1993.

\*\* Psicóloga Clínica e Professora do Departamento de Psicologia da Educação - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800-901 - Araraquara - São Paulo.

1. ZORN, F. *Mars*. Traduit de l'allemand par Gilberte Lambichs. Paris, Gallimard, 1979.

“grande deprimido”<sup>2</sup>, cuja queda em um estado melancólico profundo e o combate contra o sofrimento decorrente são acompanhados pela contração de um câncer linfático maligno.

Uma especificidade que confere à narrativa o estatuto de caso clínico, podendo, mesmo, servir de base para uma reflexão sobre a entrada na psicose (mais especificamente, na depressão psicótica), sobretudo se considerarmos o processo de construção do texto em questão como uma tentativa de compreensão, ou até mesmo de elaboração psíquica por parte do autor, a propósito de sua enfermidade.

Sob o pseudônimo de Fritz Zorn (suíço de Zurich), o autor relata as condições de surgimento e desenvolvimento de sua “doença” psíquica cujos primeiros sinais de recuperação ele os identifica em seu próprio câncer (considerado por Zorn como sendo de origem psicossomática). A despeito do caráter fatal deste último, a doença mesmo acabou impulsionando-o, de outro lado, a escrever sobre sua “neurose”, procurando, assim, obter uma espécie de *insight* a seu respeito.

Vejam os o que o autor afirma sobre os objetivos de seu livro: “... Não se trata, aqui, de memórias no sentido ordinário do termo, mas muito mais da história de uma neurose ou, ao menos, de alguns de seus aspectos... Gostaria de procurar recordar o máximo de coisas possíveis relacionadas a esta doença, que me parecem típicas e importantes, desde minha infância”<sup>3</sup>.

Nascido e criado no interior de um ambiente familiar burguês, que, segundo o relato de Zorn, fazia questão de simular pertencer a uma categoria superior, que vivia praticamente “à parte” da sociedade, o autor nos apresenta uma infância aparentemente

“mimada”, mas que, em seguida, trata de desmistificar. Prossegue afirmando que entre seus pais não havia lugar para a palavra “não”, nem tampouco para problemas, nem sequer para quaisquer conflitos. A “técnica” empregada era a da “dissimulação”, de acordo com a qual qualificavam-se todos os problemas como “complicados”, evitando, assim, o seu enfrentamento.

Face ao ambiente artificial criado por seus pais – onde as capacidades de desenvolver sentimentos em profundidade, de lidar com conflitos, com a sexualidade e até mesmo de julgamento do real aparecem seriamente prejudicadas – Zorn, embora tenha conseguido obter sucesso no plano da escolaridade, apresenta uma vida vazia de sentimentos e praticamente sem vínculos afetivos. Ele era só, sem amigos, sem nenhuma “possibilidade” de estabelecer contatos físicos, corporais – seja em relação aos outros, seja em relação a si próprio. Entrava, contudo, em contato contínuo com as “coisas elevadas”, ou melhor dizendo, consideradas como tais por seus pais, que identificavam na “espiritualidade” o contraponto a todos os outros “vícios” da humanidade.

O problema da educação dada pelos pais, segundo Zorn, não consistia no fato de ter sido orientada para a espiritualidade enquanto tal, mas muito mais no de ter-lhe imposto um determinado sentido a ela, completamente cindido de “tudo que constituía a vida”.

Mesmo a relação que mantinha com os estudos, ou posteriormente na Universidade quando escrevia peças de teatro para o entretenimento de seus colegas, Zorn as apresenta como atividades sem investimento, portadoras de um caráter que nos parece mais de cunho defensivo, visando esconder

2. Termo empregado por Grunberger, B. En Marge de *Mars* de Fritz Zorn, narcissisme et pulsion. In *Narcisse et Anubis - Essais psychanalytiques*. Paris, Des Femmes, 1989.

3. ZORN, F. *Op. cit.*, p. 30.

dele mesmo seu “vazio” interior.

A aparência exterior de uma pessoa sem problemas, ou de alguém que havia sempre evitado contato com a depressão (subjacente a uma existência voltada para as “coisas elevadas”), acabou se desmoronando por ocasião da entrada, aliás tardia, na adolescência, que coincidiu com seu ingresso na Universidade. Se anteriormente já havia apresentando alguns traços de clivagem do eu, esta se aprofundou no momento em que Zorn se viu obrigado a perceber suas dificuldades em estabelecer vínculos afetivos, ou mesmo relações sexuais. Dificuldades que ele sempre tentava dissimular, representando a comédia do rapaz “sem problemas” e que estava à disposição dos demais para lhes propiciar momentos prazerosos.

Entretanto, a representação de sua comédia não impediu que dele se apoderasse uma depressão profunda, ao mesmo tempo que aumentava cada vez mais a fissura de seu eu. Depressão que tendia a se cronificar, como salienta Bela Grunberger<sup>4</sup>, mesmo face a algumas tentativas de superá-la: quando, por exemplo, após uma icterícia grave, ele “se pôs a fazer ginástica” sem cessar, momento que lhe permitiu descobrir, pela primeira vez, que sabia dançar. Mas, isto não passava de um fato isolado em relação ao que parecia predominar em sua vida e que ele expressava escrevendo compulsivamente as palavras “soledad” e “tristeza”\*.

Após o falecimento de seu pai começou a ter “visões”, que podemos considerar como sendo alucinações visuais, cujo conteúdo se exprimia por meio de personagens que se tornavam cada vez mais tristes.

No final de seus estudos na Universidade, Zorn começou a dar curso de línguas romanas, estabelecendo, pois, toda uma vida prática e profissional, mas que sempre esteve acompanhada por uma espécie de “desmoronamento” interior, vendo-se assolado por uma tristeza cada vez mais intensa.

Somente a partir do aparecimento de seu câncer é que Zorn pôde se dar conta da “realidade de sua depressão”, sem máscaras, o que poderia ter-lhe propiciado o restabelecimento de sua saúde mental.

Por fim, não se pode deixar de assinalar que Zorn morreu no dia mesmo em que lhe fora anunciada a aceitação de seu livro para publicação.

## II. As hipóteses de nosso trabalho interpretativo

Movem-nos basicamente duas hipóteses de interpretação: uma de ordem psicossocial e outra propriamente psicanalítica, a propósito da gênese da “depressão psicótica” experimentada por Zorn.

A primeira, que podemos situar no domínio da psicologia social, refere-se à tendência observada por Adorno desde os anos 50<sup>5</sup>, das modernas sociedades industrializadas a criar as condições de surgimento de personalidades narcísicas “bem” adaptadas; parece-nos ser este o caso dos pais de Zorn, vistos por ele como “representantes” da burguesia local de Zurich. São pessoas que criam um mundo vazio, desinvestido, dentro do qual conseguem até mesmo “sobreviver”, mas que, em contrapartida, acabam sendo responsáveis pelo desencadeamento de processos psicóticos em crianças “mais sensíveis”, tal como Zorn considera ter sido.

\* Em espanhol, no original.

4. GRUNBERGER, B. *Op. cit.*, 1989.

5. ADORNO, T.W. *Sociology and Psychology (part I)* *New Left Review* (46): 67-81, 1967.

[ADORNO, T.W. *Zum Verhältnis Von Soziologie und Psychologie* (1955). In *Soziologische Schriften I*. Frankfurt, Suhrkamp, 1972, p. 42-85]



Trata-se de uma hipótese que constitui nosso ponto de partida; hipótese, porém, que não nos propomos a aprofundar no momento.

A segunda hipótese, propriamente objeto de reflexão deste artigo, será desenvolvida nos quadros da psicanálise.

Acreditamos que o mundo simbólico (das “coisas elevadas”), totalmente desinvestido das “coisas que constituem a vida”, tornou-se terreno propício para o desenvolvimento ulterior de uma estrutura cindida de personalidade em Zorn. A fragilidade de sua capacidade de julgamento, apresentada no começo da narrativa, parece-nos já ser índice de uma posterior estrutura psicótica, onde se opera, segundo Freud, a clivagem entre os investimentos das representações das palavras e das representações das coisas.

De outro lado, a presença de um eu fragilizado na mãe de Zorn, que se revelava em sua total submissão às opiniões do marido (pai de Zorn), em sua incapacidade de proferir julgamentos próprios, acabou por oferecer a ele um objeto edipiano com sérios distúrbios de personalidade.

O processo melancólico, que o atingiu de maneira mais intensa a partir da adolescência, parece relacionar-se com a identificação narcísica, arcaica do autor, sobretudo com a mãe, que provavelmente, em função de sua fragilidade egóica, o impediu de realizar o luto de seu primeiro objeto de amor.

Seguindo as hipóteses de Freud no artigo “A Negação” (1925)<sup>6</sup> e as de outros autores como Lacan e André Green, consideramos que, no caso de Zorn, a impossibilidade de fazer face à perda original de objeto acarretou-lhe dificuldades na passagem do

juízo de atribuição ao juízo de existência, ou mesmo do eu-prazer ao eu-real, o que poderia explicar as perturbações em sua capacidade de julgamento do real, acompanhadas, em seguida, de uma clivagem cada vez mais profunda de seu eu.

### III. Ensaio de Análise

Mesmo em se tratando de um caso de depressão profunda, que se tornou uma depressão psicótica, não se pode negar que Zorn, até nos momentos delirantes, demonstra aguda compreensão da fragilidade do ambiente familiar criada por seus pais, aos quais atribui as origens de seus infortúnios. Vendo-se como “resíduo das frustrações e preconceitos burgueses”, o autor imputa seus males a um excedente em relação ao ordinário. Ele foi “devorado em demasia” pelos “problemas mal digeridos” e “neuroses” de seus pais. Embora os apresente como representantes do gênero de “pais do meio burguês de Zurich”, sua especificidade consistia em um aspecto quantitativo que, à primeira vista, poderia parecer irrisório, mas que para ele foi a “gota d’água”.

Vejamos como o autor descreve este aspecto quantitativo que distinguia seus pais do meio burguês em que viviam e com que acuidade e ironia denuncia o declínio deste mesmo meio:

Eles não eram repreensíveis de modo particular, eles eram somente um pouco mais repreensíveis que outros pais também repreensíveis do mesmo meio burguês. Eles não eram nem mesmo piores que outros pais (eu já havia salientado que eram até mesmo pessoas positivamente gentis), eles eram um pouco mais degenerados do que se é *a priori* na Margem dourada de Zurich, já então bastante dege-

6. FREUD, S. A Negação (1925) In: Carone, M. “A Negação”: um claro enigma de Freud. *Discurso* (Revista do Depto. de Filosofia da FFCLH da USP) (15): 125-132, 2º sem. de 1983.

[FREUD, S. *Die Verneinung* (1925). G.W., vol. XIV, 1955, p. 11-15]

nerada. Eles eram um pouco mais burgueses, um pouco mais inibidos, um pouco mais inimigos da vida, um pouco mais inimigos da sexualidade, um pouco mais asseados, um pouco mais *como se deveria ser*, um pouco mais suíços que seus vizinhos que também o eram – e são justamente estes “pouco a mais” que agora estão me matando<sup>7</sup>.

De sua parte, o que acrescenta ele?

E quanto a mim? Eu era simplesmente um pouco mais sensível do que outras crianças comuns e é por isto que eu resisti muito menos ao meu meio, comparado com outras crianças.<sup>8</sup>

Ou seja, seguindo a linha do próprio desabafo de Zorn, parece-nos que seu sofrimento e sua depressão se deveram às dificuldades que teve para suportar a falsidade, o cinismo de um meio social cuja finalidade última significava a negação daquilo que deveria constituir o “telos” da vida humana. “O indivíduo isolado, o puro sujeito da auto-conservação, encarna, em oposição absoluta à sociedade, o mais íntimo de seus princípios”<sup>9</sup>.

Esta foi a análise feita por Adorno, nos anos 50, a respeito dos rumos das sociedades industrializadas avançadas, que, no caso, parece ressurgir no discurso de um sujeito cativo dos “modernos distúrbios narcísicos” de personalidade, a propósito do meio burguês da “Margem dourada de Zurich”, nos anos 70.

É preciso ponderar que o autor teve condições de fazer esse julgamento sobre seu meio, com tamanha clareza, somente no final do livro, momento que correspondeu, de outro lado, ao agravamento do câncer que o atingia, mas que, ao mesmo tempo,

significou uma tentativa desesperada de sua parte de obter a “cura”, senão de sua doença física, ao menos de seu sofrimento psíquico.

Julgamento do real que demonstra, como salientamos acima, extrema acuidade, a qual só se pode explicar supondo existir dentre os psicóticos, como afirma Maurice Dayan, uma capacidade aguda de compreensão da realidade que os cerca. Capacidade que se estende, segundo este autor, para “além das coisas imediatamente perceptíveis”, incluindo-se aí “comportamentos virtuais dos outros e desejos inconscientes dos mesmos”<sup>10</sup>.

Embora Dayan tenha feito estas observações especificamente sobre a paranóia, não poderíamos supor algo semelhante a propósito de outras perturbações de ordem narcísica?

Analisemos do ponto de vista psicanalítico quais eram os problemas do ambiente familiar de Zorn, que desde a infância contribuíram para a construção de uma estrutura psíquica que apresentava indícios de uma posterior estrutura psicótica.

Zorn relata, desde o começo de sua narrativa, em detrimento do que, estabelecia-se em sua casa a mais perfeita harmonia familiar. Harmonia que ele qualifica como “supérflua” e “mentirosa”, mantida por seus pais a qualquer preço, evitando, desse modo, todos os tipos de conflitos e a própria necessidade de enfrentá-los.

Durante a infância, Zorn não havia sequer ouvido de seus pais a palavra “não”, a propósito do que, faz o seguinte comentário: “Foi provavelmente na escola que esta palavra entrou um dia em meu vocabulário; efetivamente, não a empregávamos em casa, na medida em que era tida como *supérflua*”<sup>11</sup>.

7. ZORN, F. *Op. cit.*, p. 229.

8. *Id.*, *ibid.*, p. 229.

9. ADORNO, T.W. *Op. cit.*, 1967, p. 77.

[Adorno, T.W. *Op. cit.*, 1972, p. 55]

10. DAYAN, M. *Les Relations au Réel dans la psychose*. Paris, PUF, 1985, p. 223.

11. ZORN, F. *Op. cit.*, p. 33.

Ora, Freud salienta no artigo “A Negação” (1925)<sup>12</sup>, a importância da mesma para a construção da função intelectual do juízo bem como para a formação do eu-narcísico, processos estes considerados enquanto fundamentos do psiquismo.

Zorn “confirma” estas hipóteses no momento em que, por exemplo, nos faz ver como a ausência do “não”, a ausência de conflitos no seio de uma educação voltada sempre para as “coisas elevadas” e que, de outro lado, desviava-se de tudo o que era considerado complicado, o impediu de construir seus próprios julgamentos acerca de vários aspectos comuns da vida cotidiana; o que acabou contribuindo para o empobrecimento de sua personalidade.

Vejamos como o próprio autor julga os tempos de sua infância:

Naquela época eu nada sabia julgar, não tinha preferências pessoais ou mesmo gosto individual, ao contrário, em tudo eu seguia a opinião salutar dos demais, desta comissão de pessoas nas quais eu reconhecia a capacidade de julgamento, que representava o público, que sabia o que era justo e o que era falso<sup>13</sup>.

Zorn atribui a fragilidade de sua personalidade à iniciação à “arte da dissimulação” face a tudo que pudesse acarretar problemas, que ele aprendeu, aliás, junto a seus pais desde os primórdios de sua infância.

Pela descrição de sua mãe e, particularmente, pela descrição da maneira pela qual esta evitava conflitos, pode-se deduzir, como bem ressalta Grunberger,

que se tratava de alguém que tinha um “eu totalmente enfraquecido”<sup>14</sup>.

A palavra “complicado” era, segundo Zorn, a “palavra mágica” pronunciada com frequência por sua mãe, “a palavra chave que permitia pôr de lado todos os problemas não resolvidos, excluindo assim de nosso mundo intacto tudo que era incômodo e desarmonioso”<sup>15</sup>. Além disso, ela seguia incondicionalmente a opinião do marido.

Esta falta de opinião própria de sua mãe, segundo Zorn, evidenciava-se pela expressão “ou bem isso”, “ou bem aquilo”, frequentemente empregada por ela. “Constatava qualquer coisa e depois acrescentava: ou bem pode ser outra coisa”<sup>16</sup>.

Em seguida, Zorn se pergunta: “Mas, o que seria aqui a realidade?”

Seu objeto edipiano caracterizava-se, portanto, por uma fragilidade marcante de personalidade, o que pode nos oferecer outras pistas para o entendimento não apenas sobre a fraqueza da capacidade de julgar de Zorn, mas também de seu próprio senso de realidade. Faculdades que, aliás, ele as adquiriu em parte após ter se submetido a diversas análises, cujos avanços parecem ter sido precipitados com o surgimento de seu câncer.

De outro lado, seu pai preferia empregar a expressão “sem comparação”, quando se tratava de coisas entre as quais seria possível estabelecer relações, o que deixava, segundo o autor, tudo “em suspenso, no vazio”.

12. FREUD, S. Op. cit., p. 33.

[FREUD, S. Op. cit. (1925), 1955]

13. ZORN, F. Op. cit., p. 36.

14. GRUNBERGER, B. Op. cit., p. 347.

15. ZORN, F. Op. cit., p. 39.

16. Id., ibid., p. 47.



Assim conclui Zorn, a propósito da imagem cindida de mundo criada em seu meio familiar:

Era esta, portanto, minha imagem de mundo. Nele não havia conflitos, não podiam nem mesmo existir, pois as coisas do mundo deslizavam, entrecruzando-se sem a menor fricção entre si, no interior de um sistema onde se excluíam todas as relações<sup>17</sup>.

Face a consequências de um ambiente que criava um mundo “em suspenso”, “sem fricção”, que Zorn, como ele próprio salienta, tornou-se “um desses ‘troços’ suspensos no espaço frio e irreal”<sup>18</sup>. Sensação que nele permaneceu latente até sua mais completa imersão em um processo depressivo profundo, desencadeado a partir da adolescência.

O mundo “vazio” criado pelos pais de Zorn nos faz lembrar das considerações de Freud, na última parte do artigo “O Inconsciente” (1915)<sup>19</sup>, a respeito das particularidades que o investimento das representações da palavra e da coisa adquirem na esquizofrenia. Segundo o autor, a linguagem do esquizofrênico sofre um certo número de modificações, tais como: a desorganização na construção de frases, a utilização da linguagem de “órgão”, onde a referência ao corpo torna-se freqüente. As palavras, enfim, são submetidas ao processo psíquico primário: “São condensadas e, por meio do deslocamento, transferem integralmente, umas às outras, os seus investimentos; o processo pode ir tão longe que uma única palavra, apta para tal devido às suas múltiplas relações, toma para si a sub-rogação de toda uma cadeia de pensamentos”<sup>20</sup>.

Este processo torna-se possível porque se produz uma espécie de fuga do eu nas “neuroses narcísicas” por meio de um mecanismo que Freud hesita em considerar como sendo proveniente da repressão, de acordo com o qual o investimento pulsional da representação do objeto torna-se inconsciente sendo que “as representações da palavra que lhe correspondem” devem, ao contrário, experimentar “um investimento mais intenso”<sup>21</sup>.

No caso de Zorn, supomos que o meio familiar favoreceu, desde sua infância, a criação das condições para o desencadeamento de um processo psicótico ulterior, na medida em que o universo simbólico de seus pais apresentava-se de tal modo que as palavras já se viam “suspensas no ar”, com um conteúdo de mais a mais abstrato, sem ligação com o mundo real. Em termos freudianos, diríamos que se tratava de um universo simbólico onde o investimento das representações da palavra encontrava-se de algum modo cindido do investimento das representações da coisa. Queremos dizer com isso que o ambiente familiar de Zorn já era revelador de sua posterior estrutura psicopatológica.

O processo descrito envolve, pois, uma clivagem ao nível da linguagem, mas que encontra ressonâncias tanto no pensamento, quanto ao nível pulsional, como se pode verificar a partir da argumentação desenvolvida por Freud no artigo “A Negação” (1925)<sup>22</sup>. Uma outra questão para a qual se deve atentar é o fato de que o processo psicótico experimentado por Zorn apresenta caracteres mais próximos da melancolia, sendo que apenas em alguns

17. Id., *ibid*, p. 43.

18. Id., *ibid*, p. 44.

19. FREUD, S. *L'inconscient* (1915). Oeuvres Complètes. vol. XIII (1914-1915). Direc. scientifique - J. Laplanche. Paris, PUF, 1988.

[FREUD, S. *Das Unbewusste* (1915) G.W. vol. X, 1949, p. 263-303.

20. Id., *ibid*, p. 237.

[Id., *ibid*, pp. 297-298]

21. Id., *ibid*, p. 242.

[Id., *ibid*, p. 302]

22. FREUD, S. *Op. cit.* (1925), 1993.

[FREUD, S. *Op. cit.* (1925), 1955]

momentos aparecem traços de esquizofrenia, o que lhe confere uma especificidade a ser explorada.

A despeito desta especificidade, consideramos ser possível obter uma compreensão mais aprofundada sobre a dinâmica do psiquismo de Zorn, sobretudo da gênese das perturbações por ele apresentadas nos planos da linguagem, do julgamento e mesmo sobre a clivagem cada vez mais intensa de seu eu a partir do artigo de Freud acima mencionado.

Este artigo traz uma nova contribuição à última teoria das pulsões (de Vida e de Morte), às formulações sobre o narcisismo, em particular àquelas que Freud introduziu no artigo "Pulsões e Destinos das Pulsões" (1915)<sup>23</sup>, restabelecendo, desse modo, as relações como afirma André Green (1972), entre "as formas de atividade intelectual (juízo de atribuição e de existência) e as formas da vida pulsional originária (oral)"<sup>24</sup>.

No que se refere propriamente ao objeto da presente análise, ou seja, as relações entre a ausência do "não", a supressão das contradições na educação dada a Zorn e a fragilidade em sua capacidade de julgar, não se pode deixar de salientar que a negação aparece no texto freudiano como condição para o desenvolvimento da função do juízo e do próprio pensamento como um todo.

A concepção de que a negação seria o símbolo do reprimido permite entrever a independência do pensamento em relação às restrições da repressão e com isso, como afirma Freud, "também da coação do princípio do prazer", podendo ser produzido independentemente de uma aceitação afetiva. Pode-

se presumir, nesse sentido, que não somente o pensamento seja enriquecido pela negação, mas também que esta torne-se condição do surgimento do primeiro.

De outro lado, a descoberta da participação da função do juízo no interior da negação (enquanto aceitação intelectual do reprimido) levou Freud a estabelecer relações mais estreitas entre esta função e suas origens pulsionais, que lhe pareciam se reportar às mais arcaicas, caracterizadas como orais.

Se retomarmos a argumentação de Freud no referido artigo, a respeito exatamente das duas decisões que a função do juízo deveria tomar, a saber, da atribuição e da existência, acreditamos poder elucidar o momento em que deveria se produzir a ruptura das estruturas de caráter psicótico, o que permite, de outro lado, levantar hipóteses para uma compreensão da fragilidade da capacidade de julgar em Zorn e mesmo de suas dificuldades em proceder ao exame do real.

Segundo Freud, a função do juízo teria, pois, duas decisões a tomar. Uma que consiste em afirmar ou negar os conteúdos do pensamento, outra que diz respeito à existência de uma coisa representada. "Ela deve conferir ou recusar a uma coisa uma determinada qualidade e deve admitir ou contestar se uma representação tem ou não existência na realidade"<sup>25</sup>.

A decisão que diz respeito à atribuição, apresentada por Freud por meio da contraposição entre eu/interior/bom e fora do eu/exterior/mal, pressupõe senão um eu constituído, ao menos um eu em

23. FREUD, S. - *Pulsions et Destins des Pulsions* (1915) Oeuvres Complètes, vol. XIII (1914-1915). Direc. Scientifique - J. Laplanche. Paris, PUF, 1988.

[FREUD, S. *Tribe und Triebchicksale* (1915). G.W. vol. X, 1949, p. 210-232]

24. GREEN, A. Cannibalisme: réalité ou fantasme agi? *Nouvelle Revue de Psychanalyse* (6): 27-52. Gallimard, automne 1972, p. 47.

25. FREUD, S. *Op. cit.* (1925), 1993, p. 130.

[FREUD, S. *Op. cit.* (1925), 1955, p. 13]



constituição. Refere-se ao momento em que o eu-prazer originário expulsa de si tudo o que pode acarretar desprazer, constituindo-se, na verdade, a partir do que não é excluído e estabelecendo, assim, as condições para a bipartição dentro/fora.

Note-se que esta bipartição é anterior a todo juízo, que pressupõe, por sua vez, o duplo processo de se auto-engendrar, ao mesmo tempo que de se autodiferenciar do exterior; duplo processo que o eu-prazer deve experimentar para que se realize sua transformação em eu-real.

A outra decisão a ser tomada pela função do juízo, que se apóia na “existência real de uma coisa representada (prova de realidade)”, encontra-se na dependência do desenvolvimento do eu-real, momento em que se viabiliza a “oposição entre o subjetivo e o objetivo”. De acordo com Freud, essa oposição “só se estabelece pelo fato de que o pensamento tem a capacidade de voltar a tornar presente uma coisa já percebida, graças à reprodução na representação, sem que o objeto exterior precise mais existir”<sup>26</sup>.

No final do artigo, Freud identifica nestes dois níveis do juízo, atribuição e existência, a gênese lógica respectivamente do pensamento e da ação, que se encontrariam apoiados na dialética das Pulsões de Vida e de Morte.

A *pulsão de destruição* manifesta-se, segundo Freud, por meio da expulsão (constitutiva do mundo exterior), que encontra seu equivalente na *negação*, da qual dependerá, por sua vez, a readmissão no interior do sujeito daquilo que havia sido anteriormente excluído. Em contrapartida, *Eros*, em função de sua tendência a unir e ligar, tem como

equivalente a *afirmação* que se encontra, por sua vez, intimamente relacionada à constituição do eu.

Uma outra questão assinalada por Freud, no que concerne à prova de realidade, é que não se trata de descobrir um objeto real que corresponda ao objeto representado, mas sim de “reencontrá-lo”. O que significa que “a condição para a instalação da prova de realidade” consiste em que “tenham sido perdidos os objetos que um dia proporcionaram uma real satisfação”<sup>27</sup>.

A esse respeito, pode-se levantar a questão que se segue:

Se o adulto, no caso a mãe de Zorn, como primeiro objeto de amor da criança, apresenta uma organização frágil de seu próprio eu – o que, aliás, parece explicar sua incapacidade de emitir opiniões próprias – tal fragilidade não contribui para o abalo na constituição do eu-real narcísico do sujeito e de sua capacidade de julgar o real? Não seria este o caso de Zorn? De outro lado, não terá esta mãe falhado em oferecer a Zorn uma satisfação real enquanto seu objeto de amor primordial?

E se a prova de realidade depende desta perda originária de objeto para que seja posteriormente reencontrado, no caso em que tal perda não tenha ocorrido efetivamente, a questão a ser levantada é:

Como se pode reencontrar alguma coisa que jamais existiu, ou que existiu de modo bastante fugaz?

Pudemos verificar, como resultado do possível abalo na constituição do eu-real em Zorn, não somente uma incapacidade de proferir julgamentos próprios, mas também sérios problemas de rela-

26. Id., *ibid*, p. 130.

[Id., *ibid*, p. 14]

27. Id., *ibid*, p. 131.

[Id., *ibid*, p. 14]

cionamento, sobretudo no campo sexual. Como salienta Grunberger, as relações em geral encontravam-se ausentes em todos os domínios da vida de Zorn; não se pode deixar de reconhecer que ele “jamais manteve relações sexuais, jamais desejou tê-las, nem homo nem heterossexuais, nada”<sup>28</sup>.

Ausência esta que não pode ser atribuída somente à extrema fragilidade egóica da mãe de Zorn, mas também em função da incapacidade de seu pai de estabelecer relações, sejam elas quais forem, “entre coisas diferentes”.

Mas o que entraria em jogo na perda de objeto, necessária, segundo Freud, tanto para a constituição do eu-real narcísico, quanto para o estabelecimento do exame do real, senão a repressão primária?

Será que poderíamos supor uma espécie de fracasso da repressão primária no desencadeamento da psicose? Neste caso, qual seria o mecanismo específico de defesa da psicose que poria em risco tal processo primário de repressão?

Freud menciona o termo “rejeição”<sup>29</sup> concepção que, de acordo com Laplanche-Pontalis<sup>30</sup>, poderia ser considerada como protótipo do conceito de forclusão, ulteriormente desenvolvido por Lacan.

Segundo as formulações dos autores em o *Vocabulário da Psicanálise* (1967) a esse respeito, Lacan teria desenvolvido o conceito de forclusão, enquanto mecanismo de defesa da psicose, a partir das indicações dadas por Freud sobretudo no artigo de 1925, “A Negação”.

Para Lacan, nos quadros do processo primário, a forclusão “comporta duas operações complementares: a *Einbeziehung ins Ich*, a introdução no sujeito, e a *Ausstossung aus dem Ich*, a expulsão fora do sujeito. A primeira destas operações é designada por Lacan como ‘simbolização’ ou *Behabung* (posição, afirmação) ‘primária’. A segunda ‘constitui o real como o domínio que permanece fora da simbolização’. A *forclusão* consiste então em não simbolizar aquilo que deveria sê-lo (a castração): trata-se de uma ‘supressão simbólica’”<sup>31</sup>.

Na medida em que a “supressão simbólica” é situada do lado da afirmação, momento ligado à constituição do eu, pode-se deduzir que seria exatamente na bipartição de dentro e fora, entre a afirmação e a negação que se produziria a falha constitutiva do eu na psicose.

Mas resta ainda uma questão a propósito da especificidade da estrutura da melancolia que, no caso de Zorn, denominamos “depressão psicótica”.

Encontramos alguns esclarecimentos a esse respeito no artigo mencionado de André Green, “Cannibalisme: réalité ou fantasme agi?” (1972).

Sem pretender aprofundar na argumentação do autor, gostaríamos, ao menos, de salientar algumas passagens do texto de modo a procurar elucidar o processo específico envolvido na melancolia.

Se considerarmos, como afirma Green, que “a passagem do juízo de atribuição ao juízo de existência está fundada no luto do objeto”, poderíamos

28. GRUNBERGER, B. *Op. cit.*, p. 346.

29. Como por exemplo em: Freud, S. *Psychonévroses de défense* In: *Névrose, Psychose et Perversion*. Traduit de l'allemand sous la direction de J. Laplanche. Paris, PUF, 1992.

[FREUD, S. *Die Abwehr - Neuropsychosen*. G.W. vol. I, 1952, p. 57-74] e FREUD, S. *Homme aux Loups*. In: *Cinq Psychanalyses*. Traduit de l'allemand par Marie Bonaparte et Rudolph M. Loewenstein. Paris, PUF, 1992.

[FREUD, S. *Aus Der Geschichte Einer Infantilen Neurose*. G.W. vol. XII, 1947, p. 27-157]

30. LAPLANCHE, J. et PONTALIS, J. - B. *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris, PUF, 1990.

31. Id., *ibid*, p. 166.

pensar que, particularmente na melancolia, o luto do objeto far-se-ia à maneira da incorporação canibal do mesmo.

Em seguida, Green nos chama a atenção para as origens do superego arcaico, ou, como diria Freud, da “sombra do objeto” com a qual o eu se põe em luta, no caso da melancolia: “o eu realiza a clivagem em bom (a incorporar) e mal (a expulsar), após a qual o produto internalizado da incorporação cinde-se novamente. Divide-se em eu-consciente (aceito pelo superego) e eu-inconsciente reprimido (recusado pelo superego)”<sup>32</sup>. Por fim, o autor esclarece que como a aceitação ou a recusa dependem do “Outro” interno – que seria “ao mesmo tempo o inconsciente e o superego propriamente ditos”, ou seja, as instâncias respectivamente “do desejo e da Lei” – o conflito na melancolia instaura-se a partir do momento em que uma nova clivagem é produzida entre estes dois aspectos do “Outro”.

Para finalizar, pode-se pensar, seguindo as hipóteses de Green, que a “depressão psicótica” na qual mergulhou Zorn deveria ser atribuída a uma possível identificação “canibal” em relação à imagem parental, sobretudo de sua mãe, cujo universo simbólico carecia praticamente de investimento, o que acarretou ao primeiro sérias dificuldades em integrar suas próprias representações de palavras e coisas. A fragilidade em sua capacidade de julgamento do real pode ser explicada a partir de uma possível ruptura produzida na passagem do juízo de atribuição ao juízo de existência, em função da impossibilidade de fazer o luto de um objeto que, como foi visto, não parece ter sido de modo algum satisfatório.

Zorn desenvolveu, ao nosso ver com dificuldades, um eu-real que deve ter se cindido novamente em eu-consciente, aceito pelo superego (voltado para as “coisas elevadas”, “sem problemas”, porém sem investimento) e eu-inconsciente, rejeitado pelo superego e reprimido (vazio, arrasado pela depressão), até o momento em que se evidenciou a realidade de sua depressão. Uma experiência dolorosa que poderia ter significado um passo decisivo para o sucesso de sua análise, mas que não pôde ter continuidade dado o estado avançado do câncer que o atingiu. ■

### Summary

“Mars”, by Fritz Zorn – Melancholic Appeal of a Captive person of the contemporary emptiness.

The present article discusses a literary work entitled “Mars” which was taken as a clinical case of melancholy. The acuity and intensity described by Zorn (the author) of his own depressive process, as well as his critical analysis of Zurich’s bourgeois environment, allows us a psychoanalytical approach on modern “narcissistic disorders” of the personality.

These disorders announced by T.W. Adorno, in the fifties, would be part of the narcissistic tendencies of the contemporary subjectiveness.

**Mônica Guimarães Teixeira do Amaral**

Rua Piracuama, 197 - Sumaré  
São Paulo - SP

32. GREEN, A. *Op. cit.*, p. 48.